

OBJETOS COMPARTILHADOS? OBSERVAÇÕES ACERCA DAS CONSTRUÇÕES DE VERBOS SERIAIS DATIVAS

Ana Paula Scher (USP)¹
anascher@usp.br
Julio Barbosa (USP/CAPES)¹
jbarbosa@usp.br

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a distribuição das construções com semântica dativa (dativas; cf. (1), construções bitransitivas (ou *construções de objeto duplo* – CODs)/aplicativas; cf. (2)), em contraste com construções dativas com Verbos Seriais (CVSs; cf. (3)²).

(1) *Sue bought a gift to Bill.*

‘Sue comprou um presente para Bill.’

(2) *Sue bought Bill a gift.*

Sue comprou Bill um presente.

‘Sue comprou um presente para Bill.’

(3) *Cantonês*

keoi5 maai3-zo2 hou2do1 je3 bei2 ngo5

3.SG comprar-PERF muitas coisas dar 1.SG

‘Ele(a) comprou muitas coisas para mim.’

(BODOMO *et al.* 2004, p. 62)

Com base nos dados acima, as questões a serem respondidas são as seguintes:

- A CVS dativa é apenas um tipo de construção dativa morfossintaticamente complexa?
- É possível ter mais de uma estrutura dativa em uma língua (*i.e.*, CVSs dativas e aplicativas)?
- Qual a distribuição translinguística dessa presença?
- Existe relação entre as CVSs dativas e complexidade morfossintática nas línguas do mundo?

A partir da observação de propriedades das construções com semântica dativa/benefactiva, este trabalho defende a hipótese de que CVSs dativas devem ser aproximadas das construções aplicativas, e não das construções dativas/de objeto duplo, *contra* Jeong (2006). Essa proposta será argumentada com base na observação tipológica das várias línguas apresentadas em Haspelmath (2013) e Polinsky (2013), e em uma análise sintática gerativa que derive as propriedades semânticas dessas construções.

O presente artigo se divide da seguinte maneira: na seção 2, são apresentadas as propriedades centrais de construções dativas, de objeto duplo, aplicativas, e de Verbos Seriais; na seção 3, discutem-se as ocorrências translinguísticas dessas construções; na seção 4, é proposta uma análise que questiona a análise unificada de Jeong (*op. cit.*) para dativas, CVSs e resultativas, e defende uma estrutura para CVSs como aplicativos altos. As conclusões e questões para trabalhos futuros são apresentadas na seção 5.

2. A construção dativa e as suas muitas facetas

Nesta seção, as propriedades dos fenômenos dativos em geral são comparadas com as CVSs dativas, para que sejam obtidas pistas da relação entre essas construções. A pergunta a ser respondida é: Existem propriedades que separam translinguisticamente as CVSs dativas das demais? Se sim, quais são essas propriedades?

¹ Agradecemos ao Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, ao CNPq (bolsa de produtividade, processo 312610/2013-0) e à CAPES (bolsa PNPd, processo 1267797). Todos os erros remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

² Com exceção dos trabalhos sobre o português, todas as glosas, os dados e os textos citados foram traduzidos do inglês.

2.1. A alternância dativa

Larson (1988) afirma que existem dois tipos de comportamento sintático para construções de semântica dativa no inglês. As construções dativas (4)-(5) apresentam a ordem *verbo-tema-alvo*, e o Segundo argumento é marcado por uma preposição:

- (4) *John gave a book to Mary.*
 ‘John deu um livro para Maria.’
 (5) *Peter sent a letter to Sue.*
 ‘Peter enviou uma carta para Sue.’

Existem casos em que o *alvo* precede o *tema* e a preposição dativa (*to*) pode ser omitida da gerando ((6), (7)). A diferença entre as duas construções estaria nas leituras semânticas – mudança de lugar nas dativas, transferência de posse nas CODs.

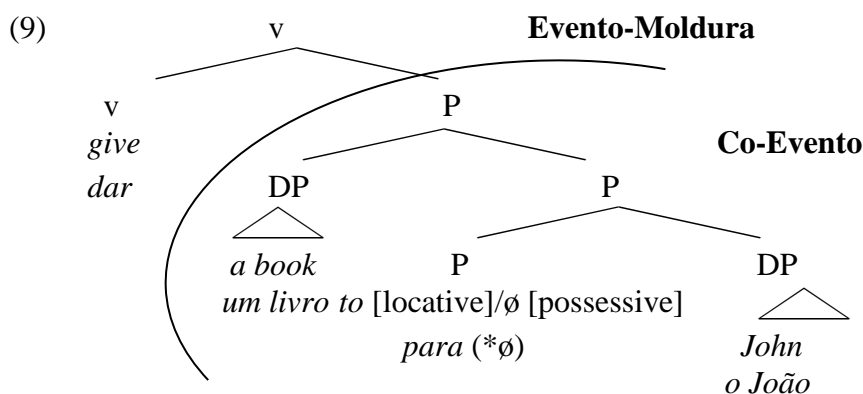
- (6) *John gave Mary a book.*
 John deu Mary um livro
 ‘John deu um livro para Mary.’
 (7) *Peter sent Sue a letter.*
 Peter enviou Sue uma carta
 ‘Peter enviou uma carta para Sue.’

No caso do português brasileiro (PB), Scher (1996) e Armelin (2011) mostram que, apesar da correspondência superficial, dados do dialeto da Zona da Mata Mineira (PBM) não apresentam o mesmo comportamento sintático, como pode ser visto em (8):

- | | |
|--|----------|
| (8) a. A Maria deu um livro aos/pros meninos. | PB |
| b. <i>Mary gave a book to the boys.</i> | Inglês |
| c. *Pros/Aos meninos foram dados um livro. | PBM |
| d. * <i>To/For the boys were given a book.</i> | * Inglês |
| e. *Os meninos foram dados um livro. | *PBM |
| f. <i>The boys were given a book.</i> | Inglês |

(SCHER 1996, p. 28)³

Barbosa (2012) sugere que tanto construções dativas quanto CODs compartilhariam a mesma estrutura em LF (9):



(Adaptado de BARBOSA, 2012)

³ Para uma discussão mais detalhada dos fenômenos do PBM e os argumentos que distinguem essas sentenças das COD do inglês, cf. Scher (1996) e Armelin (2011).

Para Barbosa (2012), a variação entre essas duas estruturas se daria por conta de questões paramétricas alterando o *output* fonológico, em especial no que diz respeito à realização da preposição – a ordem linear seria alterada por conta da ausência de conteúdo fonológico do elemento que liga os dois argumentos do verbo. Barbosa (*op. cit.*) ainda aponta que a variação translinguística seria atestada manifestação de superfície, mas não nas suas possíveis leituras, já que PB apresenta tanto a leitura de mudança de lugar quando a leitura de transferência de posse nas construções dativas – uma evidência para uma única estrutura em LF. Outro ponto a ser ressaltado é que, sob essa análise, as dativas/CODs não formam predicados complexos – os argumentos do verbo recebem apenas um papel temático.

2.2. Construções aplicativos

Pylkkänen (2008, p.8) sugere que existem dois tipos de núcleos aplicativos, com duas leituras semânticas distintas – *aplicativos altos* e *aplicativos baixos*. Os aplicativos baixos teriam as seguintes características:

- Semântica de mudança de posse/lugar;
- Relação temática entre o objeto indireto/aplicado e o objeto direto
- Impossibilidade de ter um argumento acusativo com verbos inergativos ((10)d):

(10) Inglês

- a. *I baked a cake.*
‘Eu assei um bolo.’
- b. *I baked him a cake.*
Eu assei ele(acusativo) um bolo
‘Eu assei um bolo para ele.’
- c. *I ran.*
‘Eu corri.’
- d. **I ran him.*
Eu corri ele(acusativo)
‘Eu corri para ele.’

(PYLKKÄNEN 2008, p. 11)

Aplicativos altos, por sua vez, apresentam as seguintes propriedades:

- Semântica benefactiva;
- Relação temática entre um indivíduo e um evento;
- Ocorrência de argumentos ‘aplicados’ com verbos inergativos ((11)b):

(11) Chaga

- a. *N-ä-ī-lyì-í-à* **m- kà** *k-élyá*
FOC-1SG-PRES-comer-APPL-FV **1-esposa** 7-comida
‘Ele está comendo comida para sua **esposa**.’
- b. *N-ä-ī-zrìc-í-à* **mbùyà**
FOC-1SG-PRES-correr-APPL-FV **9-amigo**
‘Ele está correndo para um **amigo**.’

(BRESNAN; MOSHI 1993, p. 49-50, *apud* PYLKKÄNEN 2008, p. 11)

No que diz respeito à distribuição translinguística dos aplicativos, Pylkkänen (2008) ressalta que línguas como o inglês teriam apenas aplicativos baixos. Portanto, não seria possível apresentar leitura benefactiva com ordem superficial *verbo-alvo-tema*.

Polinsky (2013), vai em direção oposta a Pylkkänen (*op. cit.*), e sugere que construções aplicativos sejam um tipo de COD, com a diferença que CODs sempre codificam um evento de transferência, e que aplicativos altos implicam uma COD não derivada. Como argumentos, a autora

A tabela 1, abaixo, mostra o contraste entre CVSs simétricas e assimétricas, no que diz respeito a semântica e ordem de constituintes. As CVSs dativas entrariam na classe assimétrica, dadas as propriedades grifadas na mesma tabela:

TABELA 1. *Verbos seriais sinétricos e assimétricos*

Propriedades das construções seriais	Assimétricas	Simétricas
1. Semânticas	aspectual, <u>direcional</u> , modal, associativa, <u>causative</u>	sequence of events, cause-effect, manner SVCs with synonymous verbs
2. Ordem icônica dos constituintes	NÃO: depende do tipo de construção	SIM: para CVS sequencial e de causa-e-efeito NÃO: para CVS de maneira e sinônimos
3. Gramaticalização ou lexicalização	gramaticalização	lexicalização

(AIKHENVALD 2006, p. 35)

3. A distribuição translinguística de sentenças dativas

Haspelmath (2013) classifica três tipos de construções dativas: a *construção de objeto indireto*, a *construção de objeto duplo* e a *construção de objeto secundário*. Na primeira, o *tema* do verbo é codificado de maneira distinta do recipiente (*alvo*); e.g., krongo (15)a – argumentos *tema* não possuem marcação de caso. Já em (15)b, o tema bitransitivo *bìiti* ‘água’ não possui marcas de caso, enquanto o recipiente *à-káaw* ‘para a pessoa’ é marcado com um prefixo de caso dativo:

(15) Krongo

- a. *N-àpá-ŋ àʔàŋ káaw y-íkki.*
 1-PFV.bater-TR eu pessoa MASC-aquele
 ‘Eu bati naquele homem.’
- b. *N-àdá-ŋ àʔàŋ bìiti à-káaw.*
 1-PFV.dar-TR eu água DAT-pessoa
 ‘Eu dei água para o homem/a mulher.’

(REH 1985, pp. 267, 268)

Na construção de objeto duplo (cf. panyjima, (16)b), a marcação é a mesma para os argumentos *tema* e *alvo*, e geralmente coincide com a marcação utilizada para pacientes (geralmente acusativo):

(16) Panyjima

- a. *Ngunha parnka ngarna-rta mantu-yu.*
 aquele lagarto comer-FUT carne-ACC
 ‘Aquele lagarto vai comer a carne.’
- b. *Ngatha yukurru-ku mantu-yu yinya-nha.*
 eu.NOM cachorro-ACC carne-ACC dar-PST
 ‘Eu dei carne para o cachorro.’

(DENCH 1991, p. 193)

Nas construções de objeto secundário, o argumento *alvo* é marcado como o *tema* das transitivas, enquanto o *tema* bitransitivo recebe outra marcação. Em chamorro, o absolutivo marca o tema transitivo (17)a; com verbos bitransitivos (17)b, o *tema* é oblíquo, e o *alvo* é absolutivo:

(17) Chamorro

a. *Ha tuge' i kannastra.*

ele.ERG tecer ABS cesto

‘Ele teceu o cesto.’

b. *Ha na'i I patgon ni leche.*

ele.ERG dar ABS criança OBL leite

‘Ele deu o leite para a criança.’

(TOPPING 1973, p. 241, 251)

Como a distribuição desses tipos de construções dativas podem contribuir para determinar qual a categoria de CVSs dativas? A hipótese deste trabalho é a de que a variação nos traços de *complexidade morfossintática* nas línguas do mundo permita classificar as CVSs dativas e explique as diferentes manifestações desse tipo de evento com semântica dativa.

Como definir, porém, o que pode ser tomado como *complexidade morfossintática*? De acordo com as discussões em Sapir (1921) e Jakobson (1984), quanto mais rico o sistema de marcação de caso (morfológico) em uma língua, maior a liberdade na ordem dos constituintes; e.g., latim possuía caso morfológico nos nomes, e ordem livre; já o inglês possui pouca morfologia de caso pronominal, e uma ordem sintática muito mais restrita.

A partir de uma análise tipológico-comparativa, baseada no *World Atlas of Linguistics Structures* (WALS; <http://wals.info>), foi feita uma busca pelas ocorrências simultâneas de dativos CODs/aplicativos e CVSs. O foco foi mantido nas construções de objeto duplo e de objeto secundário, já que nessas construções há uma relação mais saliente entre a marcação dos argumentos e complexidade morfossintática.

Além desses dados, foi observada a relação entre essas construções e aplicativos (altos) – se estes estiverem presentes, são indício de que a língua possui marcação morfológica para relações entre argumentos. As descobertas tipológicas estão descritas abaixo.

(18) Combinação de descobertas tipológicas: dativos e aplicativos

(http://wals.info/combinations/109A_105A#2/23.1/149.0)

a) Línguas com with construções de objeto indireto sem construções aplicativos = 50

Tsez, Lak, Macushi, Kashmiri, Tamil, Suená, Paamese, Hmong Njua, Khasi, Iraquês, Sanuma, Koasati, Sango, Bagirmi, Hunzib, Ingush, Quechua (Imbabura), Berber (Middle Atlas), Warao, Awa Pit, Latvian, Mixtec (Chalcatongo), Lavukaleve, Rapanui, Guaraní, Chukchi, Hebraico (Moderno), Oromo (Harar), Tailandês, Slave, Hixkaryana, Hindi, Canela-Krahô, Khalkha, Supyire, Maori, Basque, Evenki, Coreano, Persa, Alemão, Grego (Moderno), Lezgian, Japonês, Húngaro, Finlandês, Russo, Espanhol, Turco, Francês

b) Línguas com with construções de objeto indireto e construções aplicativos = 16

Qafar, Kannada, Amele, Urubú-Kaapor, Yimas, Imonda, Meithei, Krongó, Kanuri, Burushaski, Georgiano, Abkhaz, Yidini, Epena Pedee, Jakaltek, Fijiano

c) Línguas com construções de objeto duplo/objeto secundário sem construções aplicativos=25

Makah, Murle, Ket, Kobon, Pirahã, Burmese, Mangarrayi, Vietnamese, Wardaman, Barasano, Kilivila, Koromfe, Wichí, Nivkh, Gooniyandi, Martuthunira, Wari', Ngiyambaa, Mapudungun, Iorubá, Djingili, Apurinã, Árabe (Egípcio), Mandarin, Inglês

- d) Línguas com construções de objeto duplo/objeto secundário e construções aplicativas = 39
Nuuchahnulth, Lingala, Wolof, Igbo, Comanche, Grebo, Shipibo-Konibo, Lakhota, Khoekhoe, Tukang Besi, Zulu, Swahili, Taba, Wambaya, Ojibwa (do leste), Usan, Cree (planície), Alamblak, Chamorro, Yaqui, Lai, Maricopa, Kutenai, Ainu, Greenlandic (do oeste), Hausa, Halkomelem (ilha), Nkore-Kiga, Ju'hoan, Yagua, Tiwi, Indonesian, Paiwan, Ika, Maybrat, Lango, Tagalog, Dyirbal, Koyraboro Senni
- e) Línguas com construções de objeto duplo/objeto secundário, aplicativas e CVSs = 20⁴
Nuuchahnulth, Igbo, Shipibo-Konibo, Lakhota, Khoekhoe, Tukang Besi, Zulu, Taba, Wambaya, Alamblak, Maricopa, Halkomelem (ilha), Ju'hoan, Yagua, Indonesian, Paiwan, Maybrat, Lango, Dyirbal, Koyraboro Senni

É importante notar que nos pares ((a),(b)) e ((c),(d)), acima, a presença de construções aplicativas é diretamente proporcional ao tipo de construção dativa que as línguas apresentam. Quando possuem construções de objeto indireto, apenas dezesseis línguas (24% das línguas com construções de objeto indireto, 12,6% do total) apresentam construções aplicativas.

Seguindo a relação de que a expressão de marcas abertas de caso e concordância nas construções dativas são indícios de complexidade morfossintática, pode-se dizer que esses fatores são, de fato, relevantes para a presença de construções aplicativas. Mesmo nos poucos casos em que há a coocorrência de construções aplicativas e construções de objeto indireto, 13 das 16 construções em (18)b (81,25%) licenciam o argumento dativo por meio de um afixo ou de um marcador de caso:

- (19) Línguas em (18)b com construções de objeto indireto morfossintaticamente complexas
- Qafar (Posposição afixal: *-h* ‘para’; BLIESE 1981, pp. 11-12);
 - Kannada (Posposição afixal: *-ig*, ‘por’; RAMANUJAN 1962, p. 19);
 - Amele (DOAgr e IOAgr, ROBERTS 1998, p. 20);
 - Yimas (Prefixos de aumento de valência, afixos de obj.dativo; FOLEY 1991, pp. 208-213);
 - Imonda (Sufixo de *alvo*: *-m*; SCHMIDTKE-BODE 2010, p. 133);
 - Meithei (Posposição afixal: *-hón* ‘para’; CHELLIAH 1997, p. 91);
 - Kanuri (Cindido; “recipient pessoa não local pode ser expresso apenas em um sintagma posposicional; se o recipient for segunda ou primeira pessoa, é expresso normalmente como um objeto direto prefixado ao verbo”; BRESNAN; NIKITINA 2009, p. 175);
 - Georgiano (Marcador de caso dativo: *-s*; HEWITT 1987, p. 171);
 - Abkhaz (Cindido: ou a preposição dativa: *-zə* ‘para’ com o nome para “tempo”, ou a posposição *-(ø-)aa-n*; HEWITT 1987, p. 171);
 - Yidini (Marcador de caso dativo: *-nda*; DIXON 1977, p. 259);
 - Epena Pedee (Três sufixos: *-a* (caso dativo), *-V*, (a mesma vogal que a vogal final da base, significando ‘para’, o sufixo locativo *-ma* mais o sufixo dativo *-a:*; CROFT 2003);
 - Jakaltek (Posposição afixal: *-et* ‘para’; VAN VALIN, JR.; LAPOLLA 1997, p. 587);
 - Fijiano (Preposição afixal: *k~i-* or *i-*; DIXON 1988, p. 152).

A coocorrência de CVSs e aplicativos (altos) em um número tão significativa parece ser um bom ponto de partida para determinar qual o estatuto das CVSs dativas. A partir das evidências trazidas pelos dados, surgem três novas questões:

- Qual a relação entre construções aplicativas e CVSs?
- As CVSs dativas denotam as mesmas relações semânticas (de evento) que os aplicativos altos (benefactivos) ou baixos (de transferência de posse/lugar, *i.e.*, CODs do inglês)?
- Uma língua pode usar mais de um tipo de construção sintática para expressar relações dativas?

⁴ Não há qualquer registro relatando a presença de Construções com Verbos Seriais no banco de dados do WALS. As informações sobre as línguas citadas em (18)b foram obtidas através de pesquisa individual nos trabalhos que lidam com cada uma das línguas mencionadas.

4. As CVSs dativas são dativas “comuns”?

Baker e Stewart (2002) afirmam existir três tipos de CVSs: de consequência, resultativas e de finalidade. A partir dessa distinção, Jeong (2006) sugere que CVSs de consequência (20) têm estruturas compatíveis com construções aplicativas, “já que relacionam predicados transitivos do mesma forma que um verbo como *send* em *Mary sent Bill a present* relaciona duas estruturas transitivas ‘Mary enviou um presente, e ‘Bill o recebeu.’” (JEONG 2006, p. 157). Para Jeong, CVSs de consequência possuem dois verbos transitivos, e o segundo verbo não realiza seu objeto direto. Além disso, há dois subeventos distintos que o agente faz em sequência, como parte de um plano maior - se o evento 1 ocorre, o evento 2 também tem que ocorrer (JEONG 2006, p. 156). Em (21), as ações denotadas pelos verbos *cozinhar* e *vender* “devem ser parte de um processo unificado em que *Musa* cozinhou o inhame com a intenção de vendê-lo”:

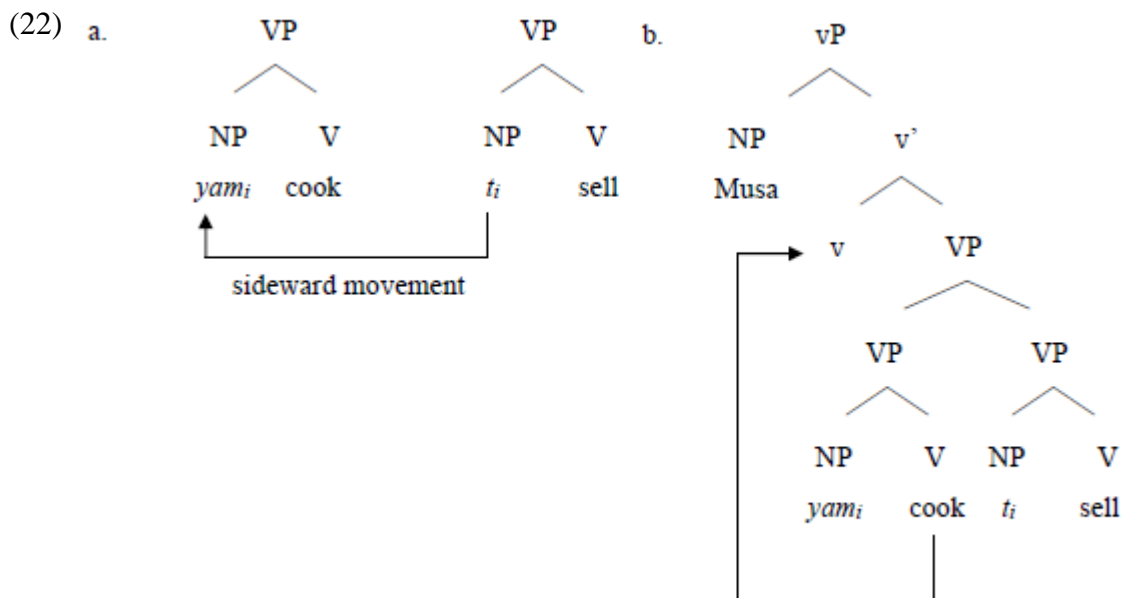
- (20) Edo
 Òzó ghá gbè èwé khièn
 Ozo FUT bater bode vender
 ‘Ozo vai matar o bode e vendê-lo.’

(BAKER; STEWART 2002, p.2, *apud* JEONG 2006, p. 156)

- (21) Nupe
 Musa du etsi kun
 Musa cozinhar inhame vender
 ‘Musa cozinhou o inhame e o vendeu.’

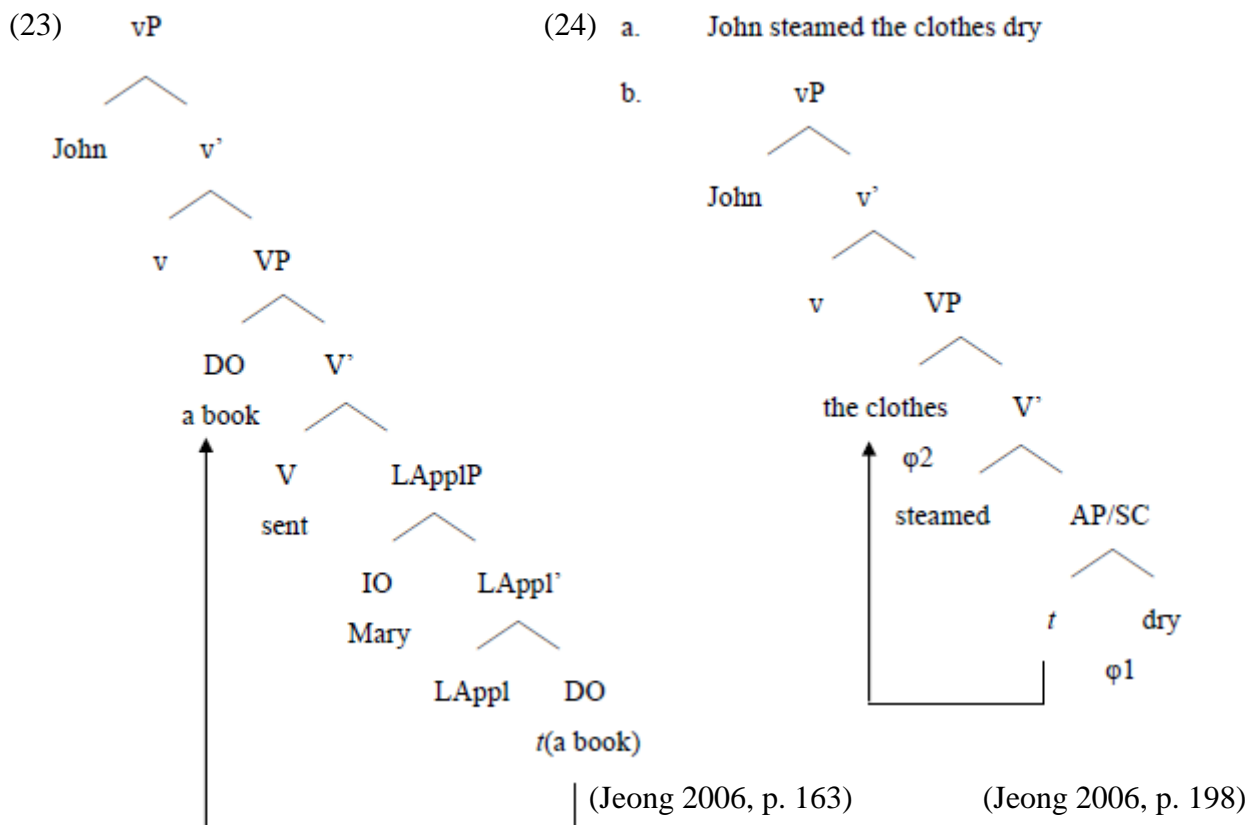
(JEONG 2006, p. 158)

Para Jeong (*op. cit.*), a partilha de argumentos e a unificação de evento é garantida por meio da estrutura em (22). De maneira análoga a estruturas de controle, partilha de objeto é “o resultado de movimento guiado pela checagem de um traço-*theta*” – cada VP é um evento distinto, ambos fazendo parte de uma “semântica de macro-evento” sob uma única concha de VP, sem a intervenção de nós flexionais.



(JEONG 2006, p. 160)

Jeong estende a análise em (22) para CODs e resultativas. Para as CODs, em *John sent Mary a book* (23), é necessária uma *transferência* de *x* e a chegada de *x* em *posse* de *y*, como um *resultado* da transferência de *x*. Com isso, é garantida a conexão entre dois eventos, ambos atribuindo um papel temático para *x*. No caso das resultativas (24), o mesmo movimento motivado tematicamente explicaria o caráter de compartilhamento de objeto entre os predicados (V e A):



Apesar de interessante, o trabalho de Jeong (*op. cit.*) deixa de lado uma importante questão conceitual. Aplicativos baixos, especialmente dativos, não são construções emolduradas pelos satélites (TALMY 2000, *apud* BARBOSA 2012), o que deveria garantir estruturas diferentes para construções dativas/CODs e resultativas. Barbosa (*op. cit.*) argumenta que a variação entre dativos e CODs seja baseada na presença (parametricamente condicionada) do conteúdo fonológico de P, que desencadearia adjunção em PF, antes da linearização. A variação paramétrica de *emolduração* (25) cobre apenas construções resultativas e verbo-partícula (cf. (26), *contra* SNYDER 1995, 2001).

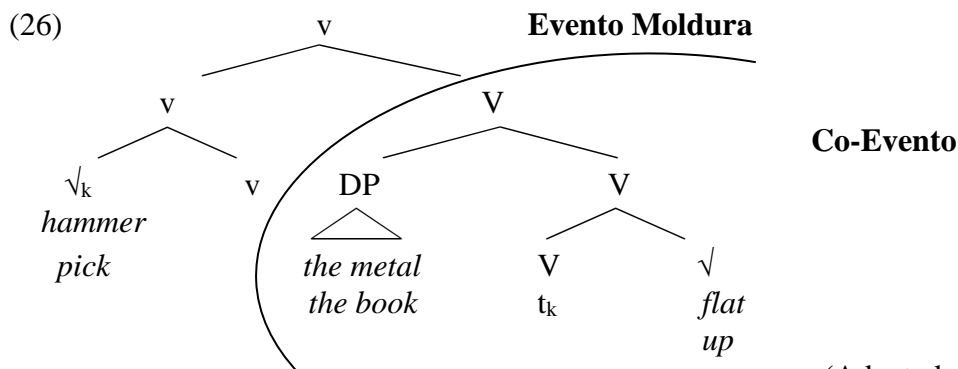
(25) *Parâmetro de Emolduração (revisado)*

Uma língua permite que uma raiz codifique [modo] em *v*.

{Sim} = Inglês

{Não} = PB

(BARBOSA 2012, p. 198)



No caso das CVSSs, Baker e Stewart (2002) sugerem as generalizações para CVSSs em (27) e (28), que permitem a formulação do parâmetro em (28):

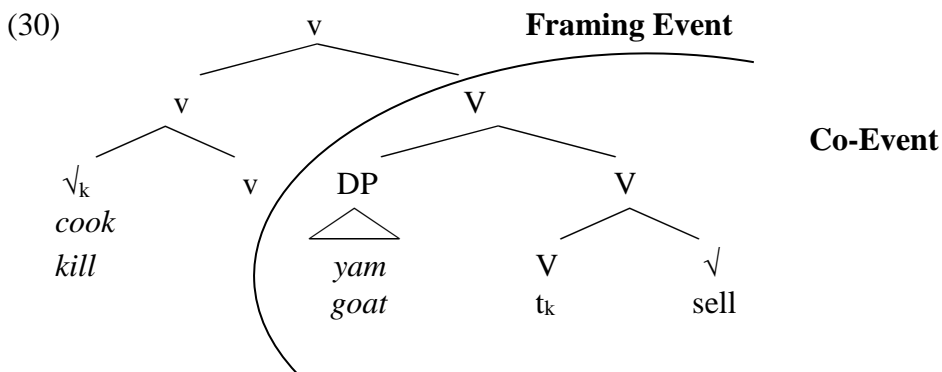
(27) Os dois verbos de uma CVSR [resultativa] e de uma CVSC [de consequência] devem combinar morfológicamente.

(28) Cada nó flexional possui uma realização morfológica própria na sentença

(29) Verbos devem ser flexionados para tempo e finitude [{Não} = línguas com CVSs; {Sim} = Línguas sem CVSs]

(BAKER; STEWART 2002, p.16; conteúdo entre colchetes nosso)

Com base nessas ideias paramétricas, pode-se sugerir a análise em (30) para as CVSs em (20) e (21), acima: dessa forma, mantém-se a semântica de macro-evento, explicando também o caráter de gramaticalização do segundo “verbo” – na verdade, um predicado secundário – nas CVSs assimétricas (cf. (13), acima).



E as CVSs dativas? Se a proposta de Barbosa estiver correta, elas não podem compartilhar a mesma estrutura de construções dativas e de CODs. Uma evidência adicional pode ser obtida pela observação da semântica das CVSs dativas, mais compatíveis com aplicativos altos (benefactivos):

(31) Saramaccan

a. *a dá di moni dá di womi*
 ele deu o dinheiro dar o homem

‘Ele deu o dinheiro para o homem (benefactivo = “for the man”).’

b. *a dá di womi di moni*
 ele deu o homem o dinheiro

‘Ele deu o dinheiro para o homem (dativo = “to the man”).’ (BYRNE JR. 1985, p. 312)

c. *a paka di moni da en*
 ele pagou o dinheiro deu ele

‘Ele pagou o dinheiro no lugar dele.’

(BYRNE Jr. 1987, *apud* DEN DIKKEN 1991, p. 33)

(32) Iorubá

a. *Ó ra iṣu fún mi.*
 ele comprar inhame dar mim

‘Ele comprou um inhame para mim.’

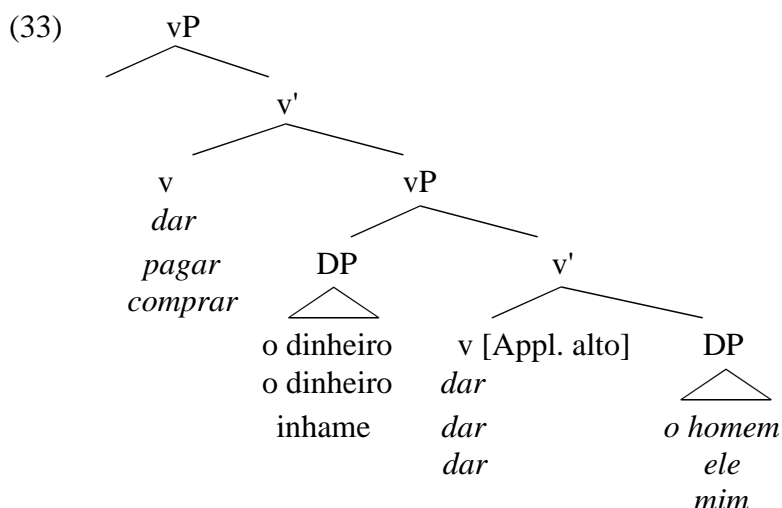
(EKUNDAYO; AKINNASO 1983, *apud* BAKER 1989, p. 514)

b. *Bàbá mi ra èwù bùn mi.*
 pai meu comprou roupa presenteou mim

‘Meu pai comprou uma roupa para mim.’

(BAKER 1989, p. 516)

Para dar conta dos dados em (31) e (32), é sugerida a estrutura em (33), abaixo; nela, a concha de *vP* mantém a hierarquia entre OD/OI, enquanto o *v* mais interno denota a relação applicativa mediada pelo verbo gramaticalizado *dar*. Com essa estrutura, é garantida a distinção entre dativas e construções baseadas em emolduração feita por Barbosa (2012), explicando também as relações de partilha temática proposta por Jeong (2006), sem associar CVSs dativas a aplicativos baixos – questão já levantada por Polinsky (2013).



5. Considerações Finais

Neste artigo, discutiu-se o lugar das CVSs dativas, com base nas suas propriedades semânticas e morfossintáticas. Concluiu-se que CVSs dativas são um tipo (morfossintaticamente complexo) de construção dativa, restritas à semântica de aplicativos altos. Também foi argumentado que dois tipos de construção com semântica dativa co-ocorrem apenas quando fazem parte de um mesmo padrão de emolduração (*framing*). A distribuição translinguística da presença de CVSs dativas, apesar de não ser categórica, apresenta forte tendência de complexidade morfossintática (com construções de objeto duplo e de objeto secundário, e em construções de objeto indireto com afixos/marcas de caso morfológico). No que diz respeito à análise sintática, foi mostrado que uma estrutura única para construções dativas, aplicativos, de verbos seriais e resultativas enfrenta problemas sob o ponto de vista paramétrico, já que é difícil explicar a distribuição não uniforme dessas construções translinguisticamente. Dessa maneira, uma análise que se baseia nas propostas paramétricas já existentes pode ser uma alternativa mais viável para a explicação do fenômeno, bem como sua colocação na descrição das línguas naturais.

Para trabalhos futuros, resta explicar em mais detalhes a relação entre complexidade morfossintática e a flexibilidade de ordem dos argumentos, a liberdade de marcação fonológica das marcas de Caso no verbo e em seus argumentos, bem como apresentar evidências para a distinção dos domínios flexionais compartilhados pelos predicados das CVSs e as questões de caso inerente.

6. Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, A. Serial verbs constructions in a typological perspective. In: AIKHENVALD, A.Y. and DIXON, R.M.W., (eds.) *Serial Verb Constructions: a cross-linguistic typology*. Oxford University Press, Oxford, U.K., 2006, pp. 1-68.
- ARMELIN, P. R. G. *Sentenças Bitransitivas do Português do Brasil Revisitadas à Luz da Teoria de Núcleos Funcionais Aplicativos*. Dissertação de Mestrado. USP, 2011.
- BAKER, M. C. Object Sharing and Projection in Serial Verb Constructions. *Linguistic Inquiry* 20, p. 513-553, 1989.
- BAKER, M. C.; STEWART, O. T. *A Serial Verb Construction without Constructions*. Ms, 2002.
- BARBOSA, J. *Predicados Complexos e o Parâmetro de Composição: Um Estudo Translinguístico*. Tese de Doutorado. USP, 2012.
- BLIESE, L. F. *A Generative Grammar of Afar*. Arlington: SIL, 1981.
- BODOMO, A. B.; O. S. C. LAM; YU, N. S. S. Double object and serial verb benefactive constructions in Cantonese. *Acta Orientalia* 65, p. 69-89, 2004.
- BRESNAN, J.; MOSHI, L. Object asymmetries in comparative Bantu syntax. In: MCHOMBO, S. A. (Ed.), *Theoretical aspects of Bantu grammar 1*. Stanford, California: CSLI, 1993, p. 47-91.

- BRESNAN, J.; NIKITINA, T. The Gradience of the Dative Alternation. In: UYECHI, L.; WEE, L. (Eds.), *Reality Exploration and Discovery: Pattern Interaction in Language and Life*. Stanford, CA: CSLI Publications, 2009, p. 161-184.
- BYRNE JR., F. *Verb Serialization and Predicate Complementation in Saramaccan*. PhD. Dissertation. The University of Arizona, 1985.
- CHELLIAH, S. L. *A Grammar of Meithei*. Mouton Grammar Library, 17. Berlin: Gruyter, 1997.
- CROFT, W. *Typology and universals* (2nd Ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DEN DIKKEN, M. Serial Verbs, “Object Sharing”, and the analysis of Dative Shift. In: DRIJKONINGEN, F.; VAN KEMENADE, A. (Eds.), *Linguistics in the Netherlands 1991*. Amsterdam, John Benjamins, 1991, p.31-40.
- DENCH, A. C. Panyjima. In: R. M. W. DIXON; BLAKE, B. J. (Eds.), *Handbook of Australian Languages 4*. Melbourne: Oxford University Press, 1991, p. 124-243.
- DIXON, R. M. W. *A Grammar of Yidin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- _____. *A Grammar of Boumaa Fijian*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- DONOHUE, M. *A Grammar of Tukang Besi*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- FOLEY, W. A. *The Yimas Language of Papua New Guinea*. Stanford: SUP, 1991.
- HASPELMATH, M. Ditransitive Constructions: The Verb 'Give'. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/105>. Acesso em: 03/09/2014.
- HEWITT, B. *The typology of subordination in Georgian and Abkhaz*. Berlin: Gruyter, 1987.
- JAKOBSON, R. O. Contribution to the General Theory of Case: General Meanings of the Russian Cases. In: WAUGH, L. R.; HALLE, M. (Eds.), *Roman Jakobson, Russian and Slavic Grammar: Studies 1931-1981*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1984, p. 59-103.
- JEONG, Y. *The Landscape of Applicatives*. PhD dissertation, University of Maryland, 2006.
- KAKUMASU, J. Urubu-Kaapor. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.), *Handbook of Amazonian Languages 1*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 326-403.
- LARSON, R. K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19, p. 335-391, 1988.
- MATTHEWS, S.; YIP, V. *Cantonese: A Comprehensive Grammar*. New York: Routledge, 1994.
- POLINSKY, M. Applicative Constructions. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/109>. Acesso em: 03/09/2014.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.
- RAMANUJAN, A. K. *A generative grammar of Kannada*. Bloomington, Ind., 1962.
- ROBERTS, J. R. GIVE in Amele. In: NEWMAN, J. (Ed.), *The linguistics of giving*. Typological studies in language 36. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998, p. 1-33.
- REH, M. *Die Krongo-Sprache* (Niinò Mó-Dì). Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1985.
- SAPIR, E. *Language, an introduction to the study of speech*. NY: Harcourt, Brace & Co, 1921.
- SCHER, A. P. *As Construções com Dois Objetos no Inglês e no Português do Brasil: um Estudo Sintático Comparativo*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, 1996.
- SCHMIDTKE-BODE, K. The role of benefactives and related notions in the typology of purpose clauses. In: ZÚÑIGA, F. and KITTLÄ, S. (Eds.) *Benefactives and Malefactives. Case Studies and Typological Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 121-146.
- SNYDER, W. B. On the nature of syntactic variation: Evidence from complex predicates and complex word-formation. *Language* 77, p. 324-342, 2001.
- _____. *Language Acquisition and Language Variation: The Role of Morphology*. Ph.D. dissertation, MIT. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- TOPPING, D. M. (com a assistência de DUNGCA, B. C.) *Chamorro Reference Grammar*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1973 (reimpresso em 1980).
- VAN VALIN JR., R. D.; LAPOLLA, R. J. *Syntax - Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.